

CLASSIFICAÇÃO AMBIENTAL DO SUL CATARINENSE PARA FINS TURÍSTICOS*

MARIA DOLORES BUSS**

1. Introdução

A região sul de Santa Catarina (fig. 1), é o objeto de investigação deste trabalho, através do levantamento e classificação dos recursos turísticos, dentro de uma perspectiva ambiental. Desta forma salienta-se a importância de três conceitos básicos que alicerçam e orientam o desenvolvimento da pesquisa: a) Classificação: segundo Grigg (1974, p. 40) definida como "agrupamento dos objetos em classes com fundamento em alguma semelhança, quer de suas propriedades, quer de suas relações"; b) Ambiente: definido por Xavier da Silva (in Coelho, 1979, p. 1), como "conjunto estruturado de características naturais e sócio-econômicas, organizado em área que, em consequência, tem limites mapeáveis, ligações funcionais identificáveis entre suas partes componentes e seu exterior; c) Turismo: segundo McIntoch (in Lima Filho, 1973, p. 78), concebido e definido como "soma total dos recursos naturais, humanos e financeiros, aplicados à movimentação de viajantes do seu local de residência, com a finalidade outra que não simplesmente trabalhar e retornar à residência".

* Condensado de: "Classificação Ambiental do Sul Catarinense para fins turísticos", dissertação de Mestrado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRJ, pp.215, 1981.

** Professora do Departamento de Geociências da UFSC.

Se recursos naturais, humanos e econômicos são os elementos básicos para a efetivação do turismo, são também características componentes de um ambiente e podem constituir-se em elementos definidores de semelhanças geradoras de categorias, ou seja, podem constituir a base para uma classificação ambiental.

Dentre estas características, investigaram-se neste trabalho recursos naturais e econômicos, constituintes da infra-estrutura básica regional, pois era do interesse localizar áreas turísticas e, paralelamente, gerar informações que possam ser indicativas do nível de exploração do turismo local.

Fica de pronto o reconhecimento que esta é, apenas, uma etapa do planejamento do uso de uma área, que deve ser seguida por outras, tais como: estudos econômicos da área, estudos mais específicos sobre a infra-estrutura, oferta e procura turística em áreas de origem dos visitantes.

Com relação à área, cumpre mencionar a existência de associações regionais de turismo, "criadas, com o objetivo de melhor dimensionar as potencialidades turísticas dos municípios da região, aproximando e adensando os recursos humanos e materiais necessários à sua dinamização" (Brasil, Sudesul. 1976, p. 156). O mesmo documento menciona, mais adiante: "se essas associações estão distantes da concretização das metas, são uma tentativa válida de integração e multiplicação de recursos e esforços" (p. 156, op. cit.).

Desta forma o conhecimento prévio da existência de recursos turísticos no sul do estado de Santa Catarina, associado ao interesse pelo aproveitamento dos mesmos, por parte de órgãos da administração pública e privada, motivaram a execução do trabalho, com o propósito de contribuir no planejamento e desenvolvimento físico, econômico e social da região.

O trabalho teve seu desenvolvimento fundamentado nos seguintes objetivos:

- 1º - Identificar ambientes naturais favoráveis à implantação e ao desenvolvimento turístico, através de técnica classificatória aplicada às variáveis naturais;
- 2º - Determinar, com base na aplicação da mesma técnica, para o conjunto das variáveis de infra-estrutura, o

nível destes recursos nos ambientes identificados;

- 39 - Fornecer subsídios, através do confronto destas duas classificações, à implantação, intensificação e expansão das atividades de turismo nos ambientes classificados, de modo a terem um aproveitamento de seu potencial turístico, adequado com a realidade ambiental.

2. Considerações Metodológicas

A prática da atividade turística é resultante da ocorrência de diferenciação de áreas, basicamente fundamentada nos aspectos naturais e tendo a eles associada a necessidade de uma infra-estrutura mínima. Tal raciocínio concorreu para que o trabalho fosse norteado pelo seguintes pressupostos: a) Através de uma análise classificatória, aplicada separadamente para dois conjuntos de variáveis - naturais e de infra-estrutura - é possível a identificação de ambientes favoráveis à implantação e desenvolvimento turístico; b) Embora grande número de variáveis naturais possa ser objeto de um único esquema de classificação, é possível estabelecer diferentes tipos de ambientes turísticos, individualizados pela ocorrência de variáveis mais representativas.

2.1. Unidades Experimentais

O trabalho foi desenvolvido com base na divisão da área em unidades de área de 2 km por 2 km (4 km²), resultado de vários testes, baseados nas variáveis selecionadas e aplicadas sobre cartas topográficas, divididas em unidades de área de tamanhos diferentes. Este tamanho revelou um nível de diferenciação de áreas compatível com a realidade ambiental, permitindo identificação de tipos de uso ambiental, em caráter regional, sem detalhamentos excessivos.

Compõe o total da área um conjunto de 2.153 unidades experimentais.

2.2. Técnica de Geração de Classes - Curva ABC

A fim de obter-se uma classificação indicadora do potencial turístico e de infra-estrutura, aplicou-se a técnica da curva ABC, que gera classes de unidades experimentais em função da média das variáveis ocorrentes em cada unidade.

Esta técnica é largamente utilizada na área econômico-administrativa e tem como objetivo, classificar itens (objetos) pela sua importância, pois em determinada situação alguns itens tem prioridade sobre outros e deste modo justificam tratamentos diferenciados.

A definição das classes A, B e C, para variáveis naturais e de infra-estrutura, foi função da importância turística e os limites das classes, obedecem um critério de porcentagens de acordo também com a importância das unidades, conforme teste em folhas que se tornaram o padrão de estabelecimento de classes. Posteriormente foi efetuada uma combinação das classes geradas pelas variáveis naturais e de infra-estrutura. Desta combinação resultaram nove grupos discriminados da seguinte forma: A/A, A/B, A/C, B/A, B/B, B/C, C/A, C/B e C/C, onde a primeira letra indica a que classe pertence a unidade experimental, em termos das suas variáveis naturais, e a segunda indica a classe desta mesma unidade com relação às variáveis de infra-estrutura.

Através do estabelecimento das classes, obtém-se uma classificação das unidades em função de seu potencial turístico natural e pelo mesmo procedimento, obtém-se o nível de infra-estrutura para as mesmas unidades de área. Uma análise comparativa dessas duas hierarquizações permite inferências quanto ao manejo ambiental desejável para a região ou para cada uma das unidades componentes da mesma.

2.3. Variáveis

A execução da pesquisa apoiou-se na mensuração de 17 variáveis, que foram representadas numericamente em uma escala de 0,0 a 1,0, com o objetivo de apoiar a pesquisa em técnicas estatísticas quantificáveis. Das variáveis, nove são caracterizadas como naturais (praia, duna, condição hidrográfica, relevo, morro isolado, vegetação, água termal e/ou mineral, área com condição

natural para esporte aquático e/ou pesca e terreno seco) e expressam, de algum modo, um potencial turístico. As oito seguintes (rodovias, ferrovias, aeroporto, camping, hotel, cidade, telefone e energia elétrica) são variáveis consideradas como de apoio e representam a infra-estrutura básica existente nas unidades experimentais.

3. Classificação Ambiental

A combinação entre as classes de unidades experimentais, obtidas pelas variáveis naturais e de infra-estrutura, possibilita a visualização em âmbito regional da distribuição espacial dos ambientes identificados (fig. 2). Tal distribuição acha-se disposta de modo concentrado, ou seja, mostrando áreas onde se observa um maior adensamento dos ambientes identificados, com exceção do ambiente C/C que corresponde à maior parte da área.

Estes adensamentos são verificados ao longo da costa e na faixa intermediária, entre o litoral e a serra e podem ser definidos como áreas possuidoras de características naturais ou de infra-estrutura e ainda, como áreas onde estas duas características se apresentam congregadas. Ao longo do litoral os adensamentos mais significativos ocorrem em torno da cidade de Laguna, Imbituba, Araranguá e na localidade de Rincão. No interior, concentrações são observadas junto as cidades de Criciúma, Tubarão, Braço do Norte e Gravatal.

4. Considerações Finais

O presente estudo, desenvolvido em vista de propósitos turísticos para a região sul do estado de Santa Catarina, permite as seguintes conclusões:

1. Da classificação efetuada, resultaram nove ambientes, diferenciados pelo potencial turístico natural e/ou pelo nível de infra-estrutura existente. A área em apreço, embora com um potencial turístico natural de relevante importância, carece, como um todo, de infra-estrutura básica que permite o aproveitamento generalizado destes ambientes. Entretanto, existem alguns locais onde a atividade turística é favorecida (ambientes A/A,

B/A e parte dos ambientes A/B e B/B).

2. Áreas dos ambientes A/B, B/B e principalmente os ambientes A/C e B/C, devem ser preservados e somente explorados na medida em que o desenvolvimento sócio-econômico da região exigir. Para tanto, devem ser objeto de ampla planificação, a fim de que a ocupação não seja causadora de desequilíbrios ecológicos.
3. Nas áreas do litoral as variáveis naturais que mais contribuem na definição dos ambientes A e B são "praia" e "condição hidrográfica" na categoria "lagoa", caracterizando-os como ambiente praiano, ambiente lacustre ou, ambiente praiano-lacustre.
4. O ambiente natural B, nas unidades experimentais do interior, é definido em função da variável "água termal e/ou mineral".
5. Entre as unidades experimentais classificadas como C, com base nas variáveis naturais, podem ser selecionadas áreas com características possíveis de exploração. Estas áreas exigem, porém, maiores investimentos de recursos. O caso mais específico refere-se às áreas de serra, que poderão vir a ser exploradas como estâncias de descanso, uma vez, que possuem clima favorável e dispõem de grande beleza paisagística.
6. O número de variáveis naturais ocorrentes no litoral é superior ao número de variáveis passíveis de ocorrer nas demais áreas. Em vista disso, sugere-se que outras variáveis, com poder turístico, sejam consideradas em futuros trabalhos dessa natureza. Entre estas variáveis, como exemplo, citam-se: parques e/ou reservas florestais, cachoeiras e/ou cascatas, micro-climas, fauna e outras aqui não foram consideradas devido à falta de documentos informativos disponíveis.
7. Sugere-se também que variáveis de cunho histórico-cultural sejam incluídas em pesquisas sobre ambientes turísticos. Laguna, por exemplo, apareceria com a relevância que merece. A deficiência de informações sobre atrativos históricos das outras áreas forçaria a presente investigação a dispender excessivo esforço e re-

cursos que não eram disponíveis. Certamente, outras investigações, poderão dedicar a devida atenção aos relevantes aspectos históricos da área, que são inegavelmente importantes para o turismo.

5. Bibliografia

1. BRASIL. SUDESUL. **Plano de operações do projeto litoral-sul de Santa Catarina**. 2.ed. Porto Alegre, 1976.
2. BURKART, A.J. & MEDLIK, S. **Tourism; past, present, and future**. London, Heinemann, 1974. 354p.
3. COELHO, M.C.N. **Estudo quantitativo de ambientes; o oeste do estado do Rio de Janeiro e o município do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, UFRJ, 1979. 259p. / Dissertação de Mestrado.
4. CASTELI, G. **Turismo; Análise e organização**. Porto Alegre, Sulina, 1975. 184 p.
5. FUSTER, L.F. **Teoria y técnica del turismo**. 4.ed. Madrid, Ed. Nacional, 1974. V. 1.
6. ———. 4.ed. Madrid, Ed. Nacional, 1975. V. 2.
7. GRIGG, D. Regiões, Modelos e classes. In. CHORLEY, R.J. & HAGGETT, P. **Modelos integrados em geografia**. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1974. cap. 2, p. 23-66.
8. LIMA FILHO, A. de O. O marketing; planejamento e análise sistêmica. **Revista de Administração de Empresas**, Rio de Janeiro, 13(3):77-88, jul./set. 1973.
9. ROBINSON, B.A. **A Geography of Tourism**. London, McDonald & Evans, 1976. 746 p.
10. RUSSOMANO, V.H. Planejamento e controle de estoque. In. ———. **Planejamento e controle da produção**. São Paulo, Pioneira, 1976. cap. 6, p. 103-113.

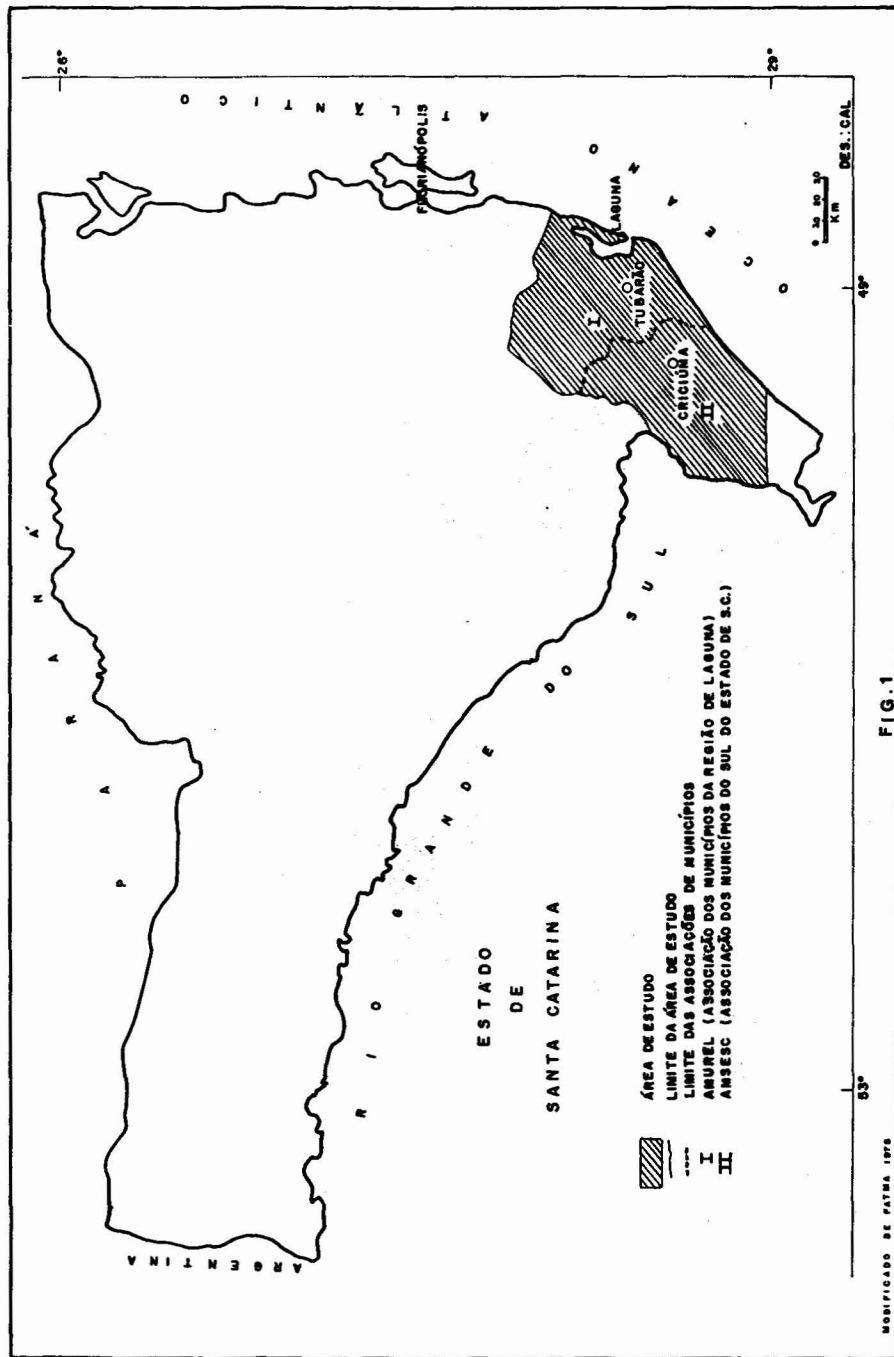


FIG. 1

